



TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO EM ILHA GRANDE, NO MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO

Maria Jose Rosendo da Costa

Universidade Federal de Sergipe – UFS
mariaquerino.ufs@gmail.com

Sirleila Pinheiro de Souza

Universidade Federal de Sergipe – UFS
lyla.ufs@gmail.com

Laura Almeida de Calasans Alves

Universidade Federal de Sergipe – UFS
laura.calasans@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A inserção da atividade turística em uma localidade pode promover transformações e benefícios, como aumento da renda, qualidade de vida e oportunidade de emprego. Por outro lado, a falta da identificação de atividades e práticas dentro de um planejamento sustentável pode levar o destino a uma descaracterização de sua cultura local e a má distribuição de renda entre a população.

O turismo pode ser um vetor transformador se for bem planejado e pensado de forma sustentável para uma região. Sendo realizado em áreas naturais, caracteriza-se pela possibilidade de propiciar o contato com a natureza e as belezas existentes nesse meio, devido às diversidades de fauna e flora encontradas em uma dada localidade, além de envolver aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais.

A comunidade de Ilha Grande, situada no município de São Cristóvão/SE, é uma comunidade tradicional onde a prática da atividade turística é incipiente, por falta de um planejamento estruturado e de conhecimentos sobre os modos de fazer turismo que promova desenvolvimento social, ambiental e econômico, contudo possui potencial em recursos naturais como o Rio Paramopama e Vaza-barris.

Tendo em vista a problemática apresentada, o objetivo deste artigo é identificar as diversas atividades e ações sociais desenvolvidas em Ilha Grande e de que forma o turismo de base comunitária pode ser desenvolvido na localidade de maneira sustentável. A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho foi a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório para realizar um estudo acerca do objetivo da pesquisa que será implantada. Conforme Gil (2009),



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

tal tipo de pesquisa “proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” para haver relação com a pesquisa que será abordada, de maneira a explicar as coisas como são e do jeito que poderiam ser. A pesquisa está baseada em um estudo de campo, o qual busca tratar na base de fonte direta no meio ambiente natural, permitindo maior interação e coleta de dados.

As informações foram coletadas a partir de dados primários e secundários, com realização de entrevista semiestruturada com moradores locais; oficinas e a pesquisa bibliográfica. Para análise de campo, foi utilizado um diário de campo descrevendo as atividades realizadas nas oficinas e atividades *in loco*. O que pode ser observado é que Ilha Grande apresenta rusticidade presente em todo seu território que se torna atrativo e convidativo para os visitantes, assim como a forma que a população cuida do seu ambiente e a maneira como as experiências são transmitidas, possibilitando o desenvolvimento do turismo de base comunitária, para tal faz-se necessário estruturar a atividade.

2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E SUAS PERSPECTIVAS

A globalização que aproximou culturas e saberes em diversas localidades do mundo despertou nas pessoas a vontade conhecer o próprio lugar. O Norte e o Nordeste brasileiros foram alvo de investimentos de diversos grupos empresariais para a construção de hotéis, *resorts*, condomínios privados, equipamentos, serviços de lazer e entretenimento para diversos públicos voltados para o segmento de turismo de sol e praia.

A construção desses empreendimentos teve foco, principalmente no litoral nordestino, onde as comunidades ribeirinhas e caiçaras tiveram modificações drásticas em seu ambiente natural, dando lugar a esses equipamentos de luxo e poder. As pessoas que residiam nesses locais, aos poucos, foram perdendo seu espaço e tornaram-se camareiras, garçons, jardineiros para ocupar vagas e ofertar um serviço necessário dentro desses empreendimentos. Coriolano (2003, p. 41) diz que:

[...] as regiões mais injustiçadas socialmente, inventaram uma forma diferente de organizar a atividade, o turismo comunitário em defesa das populações litorâneas e ribeirinhas. Programaram o turismo de base local, que se volta para a oferta de serviços, passeios, entretenimentos associados aos valores dos residentes, priorizando o rústico e não o luxo, associado a atividades que dizem respeito à sustentabilidade socioespacial, priorizando valores culturais e descobrindo formas inteligentes de participação na cadeia produtiva do turismo, com produtos diferenciados. E, sobretudo, com uma visão própria de lugar, de lazer e turismo. Um turismo que não seja apenas voltado ao consumo, mas à troca de experiências, fortalecimento de aços de amizade e valorização cultural.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Dessa forma, surge a possibilidade de ofertar às pessoas nativas dessas localidades condições para atraírem turistas pelo seu modo de vida, pelas experiências que poderão ser vividas e não por meros serviços padronizados.

Na visão de Coriolano (2003, p. 41), o turismo comunitário:

[...] é aquele desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passam a ser os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida; levar todos a se sentirem capazes de contribuir, e organizar as estratégias de desenvolvimento do turismo.

O turismo de base comunitária é aquele em que as comunidades, de forma associativa, organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo (CORIOLANO, 2003). Dessa forma, a comunidade oferece a realidade do seu cotidiano, suas práticas diárias para aquelas pessoas que estão a fim de vivenciar algo novo e experimentar coisas diferentes.

As atividades dentro da comunidade são desenvolvidas pelos seus moradores; a gestão, a organização e o planejamento dessas atividades são geridos em conjunto para o bem de todos. Dessa forma, a gestão é participativa e coletiva, disponibilizando o local para realização de outras atividades as quais poderão ser desenvolvidas, capazes de fortalecer economicamente a região.

O paradigma do TBC é funcional, que se destina a identificar potenciais problemas e superá-los antes que a indústria do turismo seja afetada por reações adversas locais. A comunidade é cooptada para apoiar o turismo através de uma ilusão de partilha de poder, mas ela não tem capacidade para rejeitar o turismo como uma opção de desenvolvimento. (BLACKSTOCK, 2005, p. 41).

Ponchirolli (2002) aponta a necessidade de reconhecer novos paradigmas para promover o desenvolvimento de uma localidade dentro da lógica do capitalismo, novas formas de arranjos produtivos que busquem, além do crescimento econômico, o crescimento social e ambiental. Hoje, é consenso que a era industrial se esgotou e que a sociedade do conhecimento emergiu como nova modalidade econômica social. O turismo está dentro das perspectivas de novo paradigma, isso se deve a toda produção global gerada pelo próprio turismo, ancorada em um saber fazer comunitário, baseada nas novas formas de organização da atividade, que impõem ritmos à sociedade.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Segundo Bartholo (2009), o resultado dessa nova forma de fazer turismo gerou uma demanda cada vez mais exigente, variada e variável. Para o autor, esta tende a se focar cada vez mais na qualidade, exprimindo a necessidade da cultura local e meio ambiente. Esse fato faz com que haja um aumento na procura por destinos que vêm a refletir a autenticidade e a profundidade do intercâmbio intercultural e a harmonia com a natureza e memória (imagem) dos lugares visitados em outro lugar. Tais exigências colaboram na coibição e quebra da oferta do turismo de massa, dando lugar a um novo paradigma de desenvolvimento para a atividade, mais preocupado com a interação da comunidade com os visitantes, gerando uma recente discussão dessa nova forma de fazer turismo, usando bases do TBC.

O desenvolvimento dessa forma de turismo em comunidades tradicionais não poderá visar somente à área econômica, algo que seja rentável para seus moradores, mas que também possa agregar valor às atividades oferecidas e que os visitantes que se propuserem a vivenciar experiências distintas do seu cotidiano, possam trocar experiências e conhecimento com o anfitrião.

O maior desafio em localidades como a Ilha Grande para desenvolver o TBC é o protagonismo dos atores, pois a comunidade precisa estar disposta a implantar esse modelo estratégico de desenvolvimento no intuito de promover a localidade e fortalecer os seus laços.

3 ASPETOS HISTÓRICOS, SOCIOECONÔMICOS, PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DA ILHA GRANDE/SÃO CRISTÓVÃO - SE

O Turismo funciona como alternativa de desenvolvimento local socioeconômico em uma proporção de esforços com base de motivação em agregar recursos pessoais e de outras organizações para beneficiamento, crédito, produção, comercialização e consumo (CORAGGIO, 1997), contudo para tal, faz-se necessário despertar o sentimento de posse da comunidade envolvida, de emponderamento de seus bens/atrativos, e é nessa ideia que o turismo de experiência torna-se um importante aliado.

A comunidade de Ilha Grande, situada no Município de São Cristóvão, está inserida em uma área de Proteção Ambiental da Foz do Rio Vaza-Barris, criada pela Lei Estadual nº. 2795 de 30 de março de 1990. Distante aproximadamente 30 km da capital Aracaju e 7 km da sede do Município, a Ilha possui uma população estimada em 50 pessoas que vivem basicamente da pesca, agricultura de sobrevivência, por ter uma fauna estuarina e vegetação antropizada com muitas mangueiras, coqueiros, goiabeiras, jenipapeiros, tamarindo e



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

bananeiras. Por ter muitas árvores frutíferas, algumas moradoras fazem doces das frutas da época (cocada, queijada e licor) e os comercializam em centros urbanos próximos, feiras locais e eventos.

A ilha, que foi Colonizada pelos jesuítas e situada na região palco da colonização do estado de Sergipe, possui uma capela cuja construção data de 1933 (Vide Figura 01). No período da invasão holandesa, em Sergipe (1637/1645), ocorreu no Porto das Pedreiras o desembarque das tropas holandesas do Capitão Andreas (SILVA, 1925, p. 62)¹.

Até o ano de 2009, não existia energia elétrica, o único meio de transporte até hoje é fluvial, realizado em embarcações de pequeno porte, com capacidade máxima de 15 pessoas. Para chegar até o porto da Pedreira, local de saída das embarcações, o visitante pode ir de transporte público ou carro particular.

Figura 01 – Igreja da comunidade Ilha Grande



Fonte: ONG SAHUDE, 2015.

A ilha não conta com sistema público de abastecimento de água tratada, nem com saneamento básico adequado. Apesar disso, os moradores não trocam o cotidiano da ilha para viver na cidade; pensando nisso, os coordenadores da ONG SAHUDE - Sociedade para o Avanço Humano e Desenvolvimento Ecosófico - pleitearam um projeto no edital da

¹ Disponível em: <http://thiagofragata.blogspot.com.br/2014/02/ilha-grande-descobrimdo-outro.html> acessado em 25 de setembro de 2016.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Petrobras, cujo nome é: Projeto Frutos da Ilha. Esse projeto foi aceito e começou a ser executado em 2013.

3.1 PROJETO FRUTOS DA ILHA

O projeto “Frutos da Ilha” busca promover o desenvolvimento econômico e sustentável dos moradores da comunidade pesqueira da Ilha Grande. O projeto foi aceito pela comunidade, sendo que ela mesma pode participar de todo o processo de execução, através de cursos de capacitação e da implementação de tecnologias sociais para garantir a segurança hídrica e a soberania alimentar.

Através do “Frutos da Ilha”, a comunidade da Ilha Grande tem a oportunidade de participar de cursos de capacitação em Educação Ambiental, envolvendo temas como: permacultura, gestão de recursos hídricos, manejo racional e produtivo dos resíduos sólidos, agroecologia e soberania alimentar, além de capacitações técnicas para a construção, manutenção e replicação de tecnologias sociais reconhecidas mundialmente, como as cisternas de ferrocimento, as bacias de evapotranspiração (fossas ecológicas), os sanitários secos compostáveis, os Sistemas Agroflorestais (SAF's) e um sistema comunitário de produção apícola.

Em um ano de projeto, já foram construídas treze tecnologias sociais: seis ecofossas ou bacias de evapotranspiração (BET), dois círculos de bananeiras, quatro banheiros secos e uma cisterna de ferrocimento, além das que estão previstas ao longo do projeto. Até o final do projeto, que tem duração de dois anos, serão construídas mais sete cisternas de ferrocimento, dois banheiros secos e seis polos agroflorestais, além de cursos de capacitação socioambiental nas áreas de apicultura, fitoterapia, turismo de base comunitária, redução de impactos ambientais, economia solidária e cooperativismo.

A execução do projeto deu a oportunidade de os moradores terem mais conhecimento e a participarem do processo construção das cisternas de ferrocimento, banheiros secos e sistemas agroflorestais, como podem ser observados nas fotos abaixo.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Figura 02 - Construção da Ecofossa



Fonte: Maria José Rosendo, 2015.

A construção das ecofossas é uma das tecnologias sociais indicadas para o tratamento das águas negras, provenientes da descarga de sanitários convencionais, que não geram nenhum efluente e evitam a poluição do solo, das águas superficiais e do lençol freático; enquanto o círculo de bananeiras é indicado para tratar as águas usadas da casa (pias, tanques e chuveiros), as chamadas “águas cinzas”, beneficiam a produção de bananas para consumo humano. Já os banheiros secos compostáveis são um tipo de tecnologia social que dispensa o uso de água para a descarga, apropriado para regiões com problemas de abastecimento como é o caso da ilha.

Figura 03 - Construção uma Cisterna de Ferrocimento



Fonte: Maria Jose Rosendo, 2015.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

A água é um recurso básico para a sustentação humana em um ambiente. Ao longo do tempo, a Ilha sofreu com a falta de água e a construção de cisternas, além de ser uma alternativa muito mais barata, não causa danos ao meio ambiente. A importância da implantação desse sistema é diminuir a exploração das águas subterrâneas, além de garantir a disponibilidade de água durante todo o ano, aproveitando os períodos chuvosos para captar e armazenar a água dos telhados para ser utilizada nos períodos mais secos.

Além de todas essas benesses, as mulheres da Ilha Grande aprenderam a produzir fitoterápicos, o curso foi ministrado pela rezadeira e articuladora do Movimento Popular em Saúde de Sergipe (MOPS/SE), Fátima Souza, que identificou espécies medicinais cultivadas e seus respectivos efeitos fitoterápicos. Esse curso foi muito importante, nele, as mulheres da Ilha aprenderam produzir repelente de citronela, óleos e shampoos com plantas curativas, sabão medicinal de aroeira e pomada de arnica canforada para dores e contusões.

No mês de setembro, a ONG Sahude finalizou o Curso de Apicultura e Sustentabilidade junto à comunidade da Ilha Grande, estudantes e profissionais interessados na criação, manutenção e manejo de abelhas melíferas para consumo e finalidades comerciais. A palestrante Chiara orientou os participantes na busca e identificação de enxames e intervenção para captura dos favos. Munidos de todo o Equipamento de Proteção Individual (EPI) necessário à condução das atividades, os participantes puderam aprender com a prática.

Figura 04 - Sistemas Agroflorestais



Fonte: ONG SAHUDE, 2016.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Outra atividade realizada nos dias 2 e 3 de setembro de 2016 foi o Curso de Sistemas Agroflorestais. Durante dois dias, os participantes aprenderam a planejar a implementação dos SAFs, principalmente quando se trata de recuperação de áreas degradadas. A partir do planejamento, foi possível construir uma grande área de diversas espécies frutíferas e uma mandala de farmácia viva.

Jamal e Getz (1995) apontam que ações como essas são práticas importantes na colaboração para o planejamento do TBC, sendo este um processo de tomada de decisão conjunta entre autônomos, as partes interessadas principais de uma interorganização, a comunidade para resolver problemas de planejamento do seu domínio e/ou para gerir questões relacionadas ao planejamento e ao desenvolvimento desse domínio.

A ONG SAHUDE ofertava os cursos para os moradores locais da Ilha e também para um público externo, como pode ser observado nas fotos, pois para a comunidade era muito boa essa interação. Os visitantes eram divididos em grupos e cada um era alocado em casas dos moradores ou nos terrenos nos arredores em barracas de *camping*. As refeições eram realizadas no mesmo local, com contribuição no valor de cada refeição.

O turismo de base comunitária na Ilha Grande ainda não é consolidado, a comunidade está se organizando para desenvolver as atividades na localidade. Os moradores da Ilha são muito receptivos, para eles, TBC é fonte de mais de renda extra, já que não haverá mudanças no seu cotidiano.

A comunidade vem realizando intercâmbios para cada vez mais aprimorar os seus conhecimentos. No ano de 2015, alguns moradores da Ilha visitaram a Ilha Mem de Sá, localizada no município de Itaporanga d'Ajuda. Essa visita teve como foco a troca de conhecimento, já que a Ilha Mem de Sá recebe visitantes no viés de TBC. O objetivo da visita foi a realização de um intercâmbio entre os projetos "Frutos da Ilha" desenvolvido na Ilha Grande e "Aratu - Turismo de Base Comunitária", desenvolvido na Ilha Mem de Sá.

Foi uma experiência proveitosa para os moradores da Ilha Grande os quais foram recebidos em uma roda de conversa, na qual foi possível trocar experiências, práticas agroecológicas e conhecimentos a respeito da gastronomia local, gestão de projetos e ações voltadas ao turismo de base comunitária. Logo depois da troca de experiência, eles foram conhecer o Sistema Agroflorestal (SAF) do Seu Tupi, considerado uma referência em Sergipe.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Figura 04 - Roda de Conversa



Fonte: ONG SAHUDE, 2016.

Em agosto de 2016, foi realizado outro intercâmbio, as mulheres doceiras da Ilha visitaram a unidade produtiva das Catadoras de Mangabas Ribeirinhas, em Estância, Sergipe. Essa visita teve como objetivo conhecer a rotina de produção e suas ações de planejamento e organização das catadoras de mangaba.

Foi realizada uma entrevista no dia 22 de setembro de 2016, com a Sra. Maria Madalena dos Santos, moradora mais antiga da Ilha Grande. Segundo seu relato, vivem hoje aproximadamente 50 pessoas na Ilha, os festejos da comunidade são: a Festa Bom Jesus dos Navegantes, no início do ano; a Festa de Santa Cruz, no meio de ano; a Comemoração de São João, que se inicia com a canção de Samba de Coco, em 31 de maio a 01 de junho; terminando o calendário festivo em dezembro com a festa de Nossa Senhora da Conceição. A localidade possui um grupo folclórico, o Samba de coco, que se apresenta na Ilha e em outras localidades, há aproximadamente oito anos, com o viés de turismo de base comunitária.

Depois do projeto Frutos da Ilha, houve um aumento do fluxo na localidade. Nessas visitas, o turista pode realizar um roteiro dentro da ilha no qual as pessoas conhecem as ações desenvolvidas na comunidade, o que mostra os benefícios do projeto, principalmente na captação de água e no aumento da renda.



4 CONCLUSÃO

O turismo tem poder transformador em uma região, com a apropriação do espaço para o desenvolvimento de atividades. Na comunidade de Ilha Grande, existem atrativos que chamam visitantes para a localidade onde as pessoas podem conhecer suas diversidades. A relação com o turismo é visível, pode-se perceber que a comunidade tem predisposição para abrir o local aos visitantes, atrelando o desejo de disseminar conhecimento com futuro desenvolvimento econômico.

A população é engajada na realização das tarefas e dos diversos cursos oferecidos pela ONG SAHUDE que, através do projeto Frutos da Ilha, trouxe conhecimentos e experiências para a comunidade. O turismo de base comunitária para obter sucesso no seu desenvolvimento tende a ser uma iniciativa endógena, na qual os protagonistas, moradores locais, terão que se sentir parte dessa iniciativa para que, de fato, as atividades deem certo. Iniciativas exógenas não são bem-sucedidas devido ao ato de pertencimento que, na maioria das vezes, a comunidade não se identifica em projetos propostos por órgãos externos.

A Ilha Grande é uma comunidade que possui grande potencial para desenvolver o turismo de base comunitária, já que parte do endógeno e a comunidade têm uma organização que é um grande diferencial. Os moradores locais, a partir dessas organizações, vêm aumentando a renda sem modificar o seu cotidiano, e a cada dia valorizando e conservando o meio ambiente, dessa forma, os visitantes têm a experiência de vivenciar um turismo sustentável. Através dessas organizações, os moradores da ilha se capacitaram, obtendo qualidade nos seus produtos ofertados, garantindo, assim, a satisfação dos visitantes.

REFERÊNCIAS

APA. Disponível em http://www.fapese.org.br/revista/edicao_3/artigo_06.pdf. Acesso em: 15 set. 2016.

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, Ivan (Orgs). **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2009.

BLACKSTOCK, K. A critical look at community based tourism. **Community Development Journal**. v. 40, n. 1, p. 39-49, 2005.

Blog do projeto Frutos da Ilha Disponível em: <https://frutosdailha.wordpress.com/> Acesso em: 15 set. 2016.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

CORAGGIO, José. Alternativas para o desenvolvimento humano em um mundo globalizado. In: **Proposta: revista trimestral de debates**, Ano 26, nº 72. São Paulo: FASE, 1997.

CORIOLOANO, Luzia N. M. T. O desenvolvimento voltado às condições humanas e o turismo comunitário. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. (Orgs.) **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

CORIOLOANO, Luzia N. M. T. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: SANSOLO, Davis G; BURSZTYN, Ivan; BARTHOLO, Roberto. (Orgs.) **Turismo de Base Comunitária: Diversidades de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. Disponível em: <http://thiagofragata.blogspot.com.br/2014/02/ilha-grande-descobrimdo-outro.html>. Acesso em: 25 set. 2016.

JAMAL, T. B.; GETZ, D. Collaboration theory and community tourism planning. **Annals of Tourism Research**. v. 22, n.1, p. 186-204, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PONCHIROLLI, Osmar. (2002) O capital humano como elemento estratégico na economia da sociedade do conhecimento sob perspectiva da teoria do agir comunicativo. **Revista FAE**, v.5, n.1, p.29-42, jan./abr. Disponível em: <http://www.fae.edu>.